

## Por dentro do caleidoscópio social

*Com esta primeira edição – especial sobre o II Fórum Social Mundial, realizado em janeiro/fevereiro de 2002 em Porto Alegre – esperamos consolidar eficaz canal de comunicação com todas as pessoas que, de alguma forma, participam dos projetos que desenvolvemos. Que seja também uma oportunidade de apresentar nosso trabalho àqueles e àquelas que ainda não conhecem a atuação do Pacs. A partir de agora, trazemos a vocês breve cenário das principais atividades que realizamos nesse megaevento, sobre o qual ninguém ou nenhuma organização sozinha pode pretender ter uma visão total. Somente a conjugação de milhares de visões e vivências vai permitir compreensão mais abrangente da sua riqueza e diversidade. Nosso papel aqui é contribuir com as nossas vivências no II FSM para esta confluência sinérgica.*

A primeira palavra que vem à mente quando pensamos em avaliar o II FSM é progresso. Se compararmos com 2001, este congregou um maior número de pessoas, utilizou a seu favor as lições extraídas do primeiro encontro e conseguiu democratizar o processo de organização das atividades a serem apresentadas. Nos temas *Socioeconomia Solidária e Dívida Externa*, pontas de lança de nossa atuação, participamos de diálogos e construções coletivas enriquecedoras com redes e campanhas de diversas partes do mundo.

A consigna que marcou o ano passado, *Um outro mundo é possível*, conseguiu gerar grande sinergia entre as pessoas presentes. Esta se traduziu em propostas concretas, desenvolvimento de estratégias, políticas e ações capazes de construí-lo a partir do mundo em que vivemos. Nesse sentido, podemos afirmar que avançamos bastante em relação a 2001.

É natural que esta segunda edição do evento ainda tenha revelado debilidades que precisam ser superadas. A ausência de elementos de síntese na celebração final do Fórum foi uma delas. O momento foi rico por sua dimensão celebrativa, mas também desperdiçado com discursos procedimentais. Não foi possível apreender daí qualquer esforço de conclusões temáticas que dessem aos/às participantes um sabor da diversidade e da confluência de idéias que sirvam de guia para a ação entre este e o próximo Fórum. Outra foi o universo simbólico demasiadamente ocidental. Precisamos nos abrir à simbologia de outras civilizações, como as da África e da Ásia, com sua riqueza de cores, de representações e de linguagens.

A falta de espaço para outros idiomas e expressões artísticas nos eventos do Parque Pôr-do-Sol também precisa ser registrada. Até para avisar que se poderia ouvir por rádio transmissões em francês, inglês e

espanhol a língua utilizada foi o português. Um maior esforço para multacentrar culturalmente o FSM parece necessário e possível.

Momento inesquecível ficou por conta das crianças que participaram do Fórumzinho. Em balões de gás, elas enviaram mensagens ao público, externando seus desejos de qualidade de vida a partir do olhar infantil. O tema proposto, *Sim, eu quero um mundo melhor*, complementa o tema principal do Fórum Social e nos provoca a pensar sobre a importância do convencimento e do comprometimento de cada pessoa e do conjunto, ao mesmo tempo, na construção dessa nova sociedade que sonhamos. Outro momento poderoso foi a Marcha contra a Alca, que congregou 60 mil pessoas no centro de Porto Alegre e enviou uma forte mensagem ao governo federal, exigindo a retirada do Brasil das negociações que pretendem subordinar o continente aos interesses produtivos, comerciais e financeiros dos EUA. ☺



## Economia solidária em foco

As discussões sobre o tema foram incluídas no Eixo Temático I – Produção das Riquezas e Reprodução Social – um grande avanço do Conselho Internacional do FSM. Diversos grupos, entidades e redes no Brasil criaram um Grupo de Trabalho (GT) para preparar os eventos. A articulação com redes em outros continentes possibilitou a formação de uma rede de entidades promotoras da conferência e do seminário organizados durante o II FSM.

O Pacs elaborou o documento, aprovado pelo GT brasileiro, que serviu de contribuição ao debate sobre o tema nos dois eventos. Também servimos de ponte entre o GT brasileiro e as redes no exterior, facilitando o diálogo e desempenhando um papel diplomático na busca de agenda comum para o seminário e dos resultados que se visava alcançar.

### Em conferência

A pesquisadora Sandra Quintela, economista, representou o Pacs como organizadora e moderadora da conferência, a convite do Comitê Internacional do FSM. Ela também ficou responsável pela apresentação do documento-síntese do evento.

Trabalhando em estreita colaboração com companheiros/as da Rede Brasileira de Socioeconomia



Solidária (RBSES), Sandra realizou um trabalho de êxito. A conferência foi uma das mais concorridas do primeiro dia do Fórum, com cerca de 2 mil participantes. A qualidade das apresentações e do debate podem ser avaliadas no Portal do Fórum Social Mundial – [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br) – no artigo *Conferência de Economia Solidária*. Lá é possível encontrar também o documento-síntese. Quem preferir, pode solicitar esses documentos ao Pacs ([documentos@pacs.org.br](mailto:documentos@pacs.org.br)).

### Intercâmbio legal

Durante o II FSM, realizamos três reuniões da Rede de Trocas Solidárias. A primeira contou com a participação de 19 pessoas da Holanda, França, Argentina, do Uruguai e Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis e Fortaleza). A diversidade de experiências e a oportunidade de poder compartilhá-las gerou grande ansiedade, mas foi certamente um aprendizado. A segunda reunião foi uma oportunidade para discutirmos os avanços e desafios das realidades presentes. Também foram pensados indicadores que possibilitem medir o progresso da Rede e apontem as expectativas em torno dos clubes de trocas como parte da Socioeconomia Solidária.

A terceira reunião contou com cerca de 50 pessoas e serviu para fazermos breve análise conjuntural da Rede. Foi uma chance também de escutar representantes de outras experiências que não estavam presentes nos dias anteriores, como foi o caso da rede mexicana.

O exercício das trocas foi coordenado por Heloisa Primavera, da Argentina, animadora da Redlaces – Rede Latino Americana de Trocas Solidárias. Ela explicou como funcionaria a dinâmica e estabeleceu com os/as participantes a moeda social – batizada de Tche – seguida da feira de trocas. Foram trocados vários produtos e serviços, muita energia e questionamentos. Para finalizar, cada pessoa apresentou suas dúvidas e desafios, buscando aperfeiçoar a Rede.

### Hora certa

Participe da Rede de Trocas Solidárias do Mutirão Quilombo, Rio de Janeiro. As reuniões acontecem todo mês, sempre no Museu da República – Rua do Catete, 153, das 18:30h às 21h. Anote as datas para 2002: 2 e 16 de julho, 13 e 27 de agosto, 10 e 24 de setembro, 8 e 22 de outubro, 5 e 19 de novembro, 3 e 17 de dezembro

As reuniões do Fórum de Desenvolvimento do Cooperativismo Popular (FCP/RJ) acontecem nas segundas 3ªs feiras de cada mês, sempre das 9:30h às 13h. Mais informações: (21) 2252-0366

## No seminário

Cerca de 500 pessoas participaram do evento, realizado logo após a conferência, com um dia e meio de duração. O programa foi organizado pelo GT brasileiro, em diálogo com as redes promotoras. Os painéis alternaram discussões temáticas com relatos das atividades das redes nacionais e continentais de economia solidária.

Uma das principais conclusões das pessoas presentes foi a possibilidade de se criar um sistema centrado no trabalho, saber e criatividade humana em vez de no capital; baseado na cooperação e solidariedade em vez de na competição sem controle. Longe de ser utopia, já está em construção em inúmeros países e em praticamente todos os continentes.

Ficou claro também que esse modelo pode integrar de maneira inovadora e criativa as atividades de consumo, produção, comercialização, finanças, educação e comunicação, ligadas pela mesma lógica de cooperação, complementariedade e solidariedade. Seu grande objetivo é estabelecer novas relações humanas e sociais que garantam a produção não apenas para o consumo, mas também para a garantia da reprodução ampliada da vida, de forma social e ambientalmente sustentável. Para isto, é indispensável a organização de empreendimentos em redes solidárias e a edificação de cadeias produtivas que operam segundo a lógica da solidariedade. É igualmente fundamental formar governos dispostos a encorajar e apoiar – mediante a criação e implementação de políticas socioeconômicas – a implantação e desenvolvimento da economia solidária, do local ao global.



O seminário foi encerrado com uma mesa-redonda, formada por quatro mulheres e dois homens, que apresentaram sínteses individuais dos debates. Você pode obter no Pacs a síntese apresentada por Marcos Arruda que também estará disponível no Portal do FSM. ☺

## Mundo afora

- Nos dias 28 e 29 de janeiro, aconteceu em Porto Alegre uma reunião com a coordenação ampliada da Campanha Jubileu Sul, centrada no intercâmbio e atualização de situações e estratégias nacionais e na elaboração do Plano de Ação para 2002. Entre as metas previstas no Plano já implementadas estão: lançamento da campanha global pela ilegitimidade da dívida; participação ativa na Campanha Continental contra a Alca; e preparação e participação no Encontro da Campanha Jubileu Sul Américas, realizado em Quito, Equador, de 23 a 25 de maio.
- Nos dias 29 e 30 de janeiro, organizamos um encontro de boas-vindas para cerca de 100 delegados/as de 30 países da África, Ásia e Pacífico e uma reunião para promover o intercâmbio e planejamento estratégico das ações durante o Fórum.
- Em 4 de fevereiro, cerca de 50 mil pessoas participaram de marcha para o lançamento oficial da Campanha Continental contra a Alca. O Pacs faz parte da coordenação nacional da Campanha e foi um dos organizadores do evento. Na ocasião, foi lido o *Grito das Américas*, clamando a todas as pessoas a se engajarem nessa luta “ao lado do povo e como povo”. ☺

# Bússola



## **Brasil X Alca**

Fique atento: de 1º a 7 de setembro será realizado o plebiscito nacional *Soberania sim, Alca não!* Urnas itinerantes estarão em locais de fácil acesso, como escolas, sindicatos e igrejas em todas as cidades brasileiras. Participe dessa cruzada cidadã. Mais informações no Pacs: (21) 2252-0366

## **Oficinas**

A oficina *Diálogo sobre Comércio Justo*, com 25 pessoas, abordou os princípios do consumo e da ética. Um ponto-chave na discussão foi a dificuldade de o/a consumidor/a adquirir produtos saudáveis, sem agrotóxicos, dado que incidem sobre ele os altos preços e que faltam investimentos públicos prioritariamente em resposta às demandas sociais. Outra questão levantada foi o poder da propaganda. Os anúncios levam o público a buscar seus próprios interesses, seja comprando mais barato, seja defendendo direitos individuais. Tal postura cria barreiras para o exercício da solidariedade e para se agregar um valor social às mercadorias, impedindo a mobilização. O estímulo à mudança de nossos atos de consumo para podermos de fato exercer o comércio justo conferiu um aspecto propositivo às discussões.

Cerca de 40 pessoas participaram da oficina organizada pela ABC, instituição fundada por Celso Daniel – prefeito do PT assassinado em janeiro. O tema *Poder local X inclusão social: um olhar sobre a subjetividade dos atores* foi muito bem-recebido. Margarida Barreto (Prefeitura de Santo André/SP) apresentou os resultados de pesquisa realizada com trabalhadores/as do ABCD paulista, focalizando relações hierárquicas ou não-hierárquicas em empresas de grande e médio porte. O levantamento revelou uma política empresarial recheada de relações de constrangimento e desvalorização dos/as funcionários/as, reforçada por ameaças e isolamento das vítimas, causando grandes prejuízos à saúde. Segundo Margarida Barreto, é o seguinte o perfil das pessoas humilhadas: ficam além da jornada de trabalho, detêm boa relação com os/as companheiros/as e socializam-se bem, tirando certo poder do chefe.

## **Rede global**

No dia 29 de janeiro, antes da abertura do II FSM, aconteceu o Encontro da Rede Global de Socioeconomia Solidária. O evento contou com a participação de 60 representantes de diferentes redes e fóruns de economia solidária nacionais e internacionais. Participaram dos painéis pessoas de diversos países, apresentando um balanço das atividades econômicas solidárias e da construção de redes de colaboração solidária nos seus territórios. Apesar de termos abrangido um rico espectro de práticas, não chegamos a avançar no planejamento de uma agenda comum de ação nem num modo de articulação que garanta o desenvolvimento harmônico da RGSES. Retomaremos isto ao longo deste semestre. Vale lembrar que a animação da Rede tem estado a cargo do secretário-geral da Confederação de Cooperativas da Catalunha, Espanha, Jordi Via Llop.

## **Na mídia**

A convite do Instituto de Estudos Políticos, de Washington DC, Marcos Arruda apresentou breve histórico e avaliação da conjuntura e principais desafios do Brasil à delegação norte-americana – composta por cerca de 40 líderes populares e comunitários e 40 representantes de fundações – no dia 30 de janeiro em Porto Alegre. O economista enfatizou as etapas de dominação colonial e imperial, relacionando-as ao contexto atual de globalização neoliberal. Analisou suas conseqüências socioeconômicas, políticas, culturais e ambientais. Ressaltou as duas décadas de crise do endividamento e o anseio dos movimentos sociais pela reconquista da soberania nacional e popular e por um projeto próprio de desenvolvimento – ao mesmo tempo endógeno e solidário – com os povos da América Latina e com todos os outros povos oprimidos. Depois do debate, Marcos foi entrevistado pela rede norte-americana de televisão ABC e sua entrevista, transmitida em rede a todos os Estados Unidos.

No dia 05 de fevereiro, depois do encerramento do II FSM, Marcos Arruda concedeu entrevista à TV Futura, fazendo uma comparação das duas edições do evento e traçando os desafios para os próximos anos. ☺

## O negócio é controlar

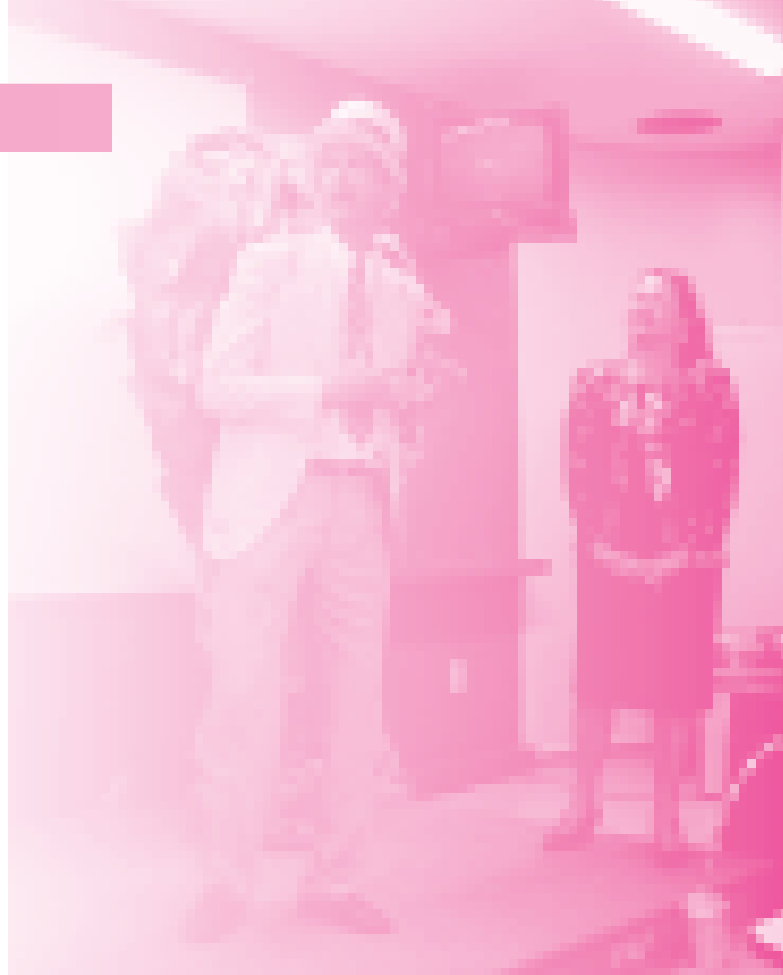
Um dos seminários mais concorridos do II FSM foi sobre controle social dos orçamentos públicos. O convite para o Pacs organizar o evento veio como resultado dos trabalhos feitos sobre o tema, tanto no âmbito municipal – no Fórum Popular do Orçamento do Rio de Janeiro, entre outros – como no federal – iniciado ano passado. Para nós, investir neste tema significa possibilidade real de construção e fortalecimento da socioeconomia solidária.

Da mesa do primeiro dia, *Ajuste estrutural e orçamento público: responsabilidade fiscal e/ou social?* participou Maria Lúcia Fattorelli, da Unafisco (Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal). Ela explicou o endividamento brasileiro, a necessidade de uma auditoria pública da dívida externa, assim como a falácia da Lei de Responsabilidade Fiscal e a necessária responsabilidade social. Elias Jorge, do Conselho Nacional de Saúde, apresentou os números do Orçamento da União, enfocando o crescimento das despesas com juros em

contraponto ao decréscimo das despesas de pessoal. Ceci Juruá, da Attac/Brasil (Associação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos), analisou os refúgios ou paraísos fiscais. Teivo Taivanem, da Network Institute for Global Democratization, Finlândia, apresentou a tese de que as questões econômicas e globais sobrepõem-se às questões políticas e nacionais, numa espécie de *monarquização* da democracia no mundo. A coordenação da mesa foi feita por Paulo Rocha, do Inesc (Insti-

tuto de Estudos Socioeconômicos), e a dos debates, por Elaine Rosseti Behring, presidenta do Conselho Federal de Serviço Social.

No segundo dia o tema foi *O controle social do orçamento público na superação das desigualdades sociais e no aprofundamento da democracia*, sob a coordenação de Luiz Eduardo Sebastiani, conselheiro do Cofecon (Conselho Federal de Economia). Ruth Espínola Soriano, do Pacs, coordenou os debates. A primeira apresentação foi da Helena Hofbauer, do Centro de Análise e Investigação Fundar, México. Ela mostrou os resultados de pesquisa, realizada em cinco países



*Apresentação da peça A galinha dos ovos de ouro negro*

latinos sobre confiabilidade, grau de interferência, democratização e transparência do orçamento. Logo após, Roberto Piscitelli, do Corecon - DF (Conselho Regional de Economia), discorreu sobre a forma como o orçamento brasileiro é apresentado e a sua utilidade. A última apresentação coube a Paul Getsos, da Community Voices Heard, EUA. Ele falou sobre o orçamento naquele país, enfatizando a inflexibilidade dos gastos com a defesa.

Um destaque no seminário foi o lançamento da cartilha *Nós, tu, ele, nosso dinheiro*, co-produzida pelo Pacs, Conselho Regional de Economia e Federação dos Sindicatos de Engenharia, em parceria com outras entidades. Esse é o resultado da produção de um ano inteiro. A publicação foi criada para atender duas demandas: capacitar cidadãos/ãs de todo o Brasil a obter dados dos orçamentos de seus municípios; mas antes, chamar a atenção dos/as munícipes sobre a importância desse aprendizado. A segunda publicação da série, a cartilha *De olho no orçamento*, deverá ser lançada no segundo semestre de 2002.

Após os debates, o seminário foi finalizado com a apresentação de duas peças do Teatro do Oprimido: *A galinha dos ovos de ouro negro*, apoiada pela Aepet (Associação de Engenheiros da Petrobras) e as *Marias do Brasil*, encenada por trabalhadoras domésticas do Rio de Janeiro. As encenações serviram para mostrar o drama brasileiro em relação às privatizações e a dura realidade do mundo do trabalho feminino doméstico. ☺

**O debate sobre controle social dos orçamentos, organizado pelo Pacs, foi um dos eventos mais concorridos do II FSM**

## Auditoria já

No dia 4 de fevereiro aconteceu em Porto Alegre o *Seminário sobre Auditoria Cidadã da Dívida*, com a participação de 500 pessoas. Apoiado por diversas entidades, inclusive o Pacs, contou com a colaboração dos professores/as Reinaldo Gonçalves (UFRJ e Pacs), Marcos Arruda (Pacs), Valério Arcary (UFMG), Maria Lúcia Fattorelli (Unafisco e Fórum - MG), Beverly Keene, coordenadora da Campanha Jubileu Sul Argentina e Américas, e do senador Eduardo Suplicy. O moderador foi Ivo Poletto (Cáritas Brasileira).

Os debates focalizaram a necessidade e justeza do clamor por uma auditoria da dívida como meio de expor a verdade sobre o processo de endividamento interno e externo. A proposição unânime coincidiu com a resposta de 97% dos votantes no Plebiscito da Dívida em setembro de 2000: o Brasil não deve continuar pagando a dívida sem fazer uma auditoria que identifique o que já pagou, se a dívida ou parte dela é ilícita ou mesmo ilegal, e o que



deve ser proposto para os credores. Foi apresentada aos participantes a agenda de luta da Campanha Jubileu Sul pela Auditoria, tanto no Legislativo, onde um projeto de lei foi encaminhado neste sentido, quanto na sociedade – que está desenvolvendo a Campanha pela Auditoria Cidadã e, ao mesmo tempo, preparando o Plebiscito Nacional sobre a Alca (projeto norte-americano para criar uma Área de Livre Comércio das Américas).

O artigo apresentado por Marcos Arruda, *Identificando o que não devemos pagar: por uma auditoria cidadã da dívida*, está disponível no Pacs e em breve também na página [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br).

## Dívida externa é crime

O II Fórum Social Mundial foi palco da realização de uma sessão do Tribunal Internacional dos Povos sobre a Dívida. Nos dias 1 e 2 de fevereiro, cerca de 2 mil pessoas, representando 40 países, participaram da audiência, cuja questão central foi a ilegitimidade da dívida externa. O veredicto foi anunciado pelo corpo do júri, formado por: Adolfo Pérez Esquivel (Prêmio Nobel da Paz, Argentina), Dennis Brutus (poeta, África do Sul), Pedro Ross (Central de Trabalhadores de Cuba), Yvonne Yanez (Aliança dos Povos do Sul Credores da Dívida Ecológica, Equador), Rosemary Nyerere (membro do Parlamento, Tanzânia), Marie Frantz Joachim (Marcha Mundial das Mulheres, Haiti), Samba Tembile (Acampamento Internacional da Juventude, Mali), Rogate Mshana (Conselho Mundial de Igrejas, Tanzânia), Sekou

Diarra (Jubileu 2000, Mali), Shelly Emalyn Rao (Conselho de Pesquisas Econômicas e Sociais, Fiji).

Os trabalhos continuam para além das fronteiras do Fórum. Em 18 de abril foi realizada uma sessão em Washington, dias antes da reunião do Banco Mundial com o FMI, com a presença dos juizes do Tribunal Internacional dos Povos sobre a Dívida. A rede internacional Jubileu Sul convidou representantes dessas instituições multilaterais, do governo e de bancos privados credores de nossas dívidas para lhes dar o direito de defesa das acusações apresentadas no Tribunal em Porto Alegre. Os acusados não compareceram e a sentença final foi anunciada ao público. O texto está disponível no Pacs, em quatro idiomas.

**Coordenação de Programas:** Sandra Quintela

**Conselho Editorial:** Cristiane Maria de Souza, Hermila Figueiredo, Jussara Oliveira, Kátia Aguiar, Neli Belem, Robson Patrocínio, Ruth Espínola Soriano e Terezinha Pimenta

**Distribuição:** Gustavo Jorge Vaccihi

**Pedidos de exemplares ao Pacs:**

Rua Joaquim Silva, 56 / 8º andar

Centro • Rio de Janeiro • RJ • CEP 20241-110

Tel: (21) 2252-0366 Fax: (21) 2232-6306

[documentos@pacs.org.br](mailto:documentos@pacs.org.br)

**Fotos:** Arquivo Pacs

**Projeto gráfico e diagramação:** Rogério Nascimento

**Edição:** AnaCris Bittencourt (Mtb 17884)

**Impressão:** 4 Pontos Studio Gráfico

**Tiragem:** 1 mil exemplares

Informativo  
**PACS**  
Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Publicação trimestral do Pacs – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Apoio: Christian Aid, Trocaire e Ação Quaresmal

**Coordenação-Geral:** Marcos Arruda